

# IBGE já prevê recessão para 1999

■ Estimativa é de um resultado de, no máximo, 1% este ano. Até junho, produto cresceu 1,22%, graças à recuperação do 2º trimestre

FLÁVIA BARBOSA

O Brasil está entrando num período de recessão, que provavelmente não derrubará o desempenho da economia este ano, mas provocará queda brutal do nível de atividade no último trimestre (outubro a dezembro). A avaliação é de Roberto Olinto, consultor de contas nacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que divulgou ontem a estimativa do Produto Interno Bruto (PIB) de 1998: crescimento entre 0,5% e 1%.

“E só alcançamos 1% por milagre, se todo o ajuste fiscal e a ajuda externa acontecerem como devem”, diz Olinto, que é chefe do Departamento de Planejamento. A previsão inicial do IBGE era de crescimento entre 1,5% e 2%.

Para Olinto, a bomba da alta dos juros e da crise que assola o mundo vai estourar justamente no primeiro trimestre de 1999. “Já admito a palavra recessão para o ano que vem, porque não há dúvidas de que este ano a economia está mais frágil do que na crise de 1997 e a liquidez internacional vai demorar mais a voltar a acontecer. A tendência é que haja um movimento contínuo de queda a partir do fim deste ano”, esclarece. O consultor acha prematura qualquer previsão de percentual para 1999.

■ **Primeiro semestre** – O IBGE divulgou ontem os números do primeiro semestre deste ano. “Esses dados ainda estão num ambiente de recuperação da crise asiática”, avisa o consultor. O PIB fechou o período janeiro-junho em alta de 1,22%, graças, sobretudo, à recuperação do segundo trimestre (abril-junho), que registrou crescimento de 1,44%. O período janeiro-março teve retração de 0,11% –

## O PIB nos últimos trimestres

Produto Interno Bruto (PIB)		Serviços	
2º trim/97	1,15%	2º trim/97	-1,57%
3º trim/97	0,02%	3º trim/97	0,62%
4º trim/97	0,03%	4º trim/97	0,25%
1º trim/98	-0,11%	1º trim/98	0,38%
2º trim/98	1,44%	2º trim/98	0,88%
Indústria		Agropecuária	
2º trim/97	-1,3%	2º trim/97	-0,58%
3º trim/97	1,66%	3º trim/97	-1,63%
4º trim/97	-0,16%	4º trim/97	-1,88%
1º trim/98	-2,62%	1º trim/98	1,79%
2º trim/98	7,05%	2º trim/98	5,52%

Fonte: Departamento de Contas Nacionais/IBGE.

percentual corrigido pelo novo modelo metodológico do instituto. A queda antes era de 1,1%.

Com o resultado, afasta-se, em princípio, a possibilidade de recessão já em 1998, segundo a teoria de que três trimestres consecutivos indicam retração econômica. O PIB do último trimestre de 97 fechou em crescimento de 0,03%. O outro indicador, por outro lado, é mais grave. Haverá queda da renda *per capita* este ano, já que a população cresceu 1,39% em 98 – e o PIB deverá crescer no máximo 1%.

**Saídas** – Roberto Olinto diz que o desempenho econômico do Brasil em 1998 está nas mãos da indústria de transformação – que engloba bens de capital, bens duráveis, alimentos, bebidas e vestuário. A produção de máquinas e equipamentos (bens de capital) vem aumentando, graças aos investimentos em infraestrutura e às privatizações – e esse segmento está segurando o desempenho da indústria como um todo. Já os bens de consumo duráveis e semi-duráveis (automóveis, eletroeletrônicos e vestuário) estão em

queda livre há quase um ano, com raros momentos de recuperação.

No quarto trimestre o embate dentro do segmento de transformação (duráveis x bens de capitais) determinará o comportamento do PIB – já que o item serviços está atrelado à indústria nos cálculos. “Nem mesmo o comércio deve impactar tanto, pois tem Dia das Crianças agora e 13º salário em pouco tempo. As pessoas se mobilizam e sempre há um aquecimento, mesmo que pequeno. O reflexo não será imediato”, explica Roberto Olinto.

No segundo trimestre, a economia teve fôlego para se recuperar dos resultados drásticos registrados após o pacote fiscal de outubro do ano passado. A agropecuária cresceu 5,52% (com exceção da produção animal, que caiu 3,53%); o setor de serviços teve alta de 0,88% – com destaque negativo para comunicações (-2,06%) e instituições financeiras (-0,13%); e a indústria cresceu 7,05%, com aumento de 6,96% da produção da indústria de transformação.